



Discursos e sujeitos femininos na educação através das obras de frei Pedro Sinzig

Por OSMIR APARECIDO CRUZ
CARLOS ROBERTO DA SILVEIRA

osmir.cruz3291@gmail.com
carlosilveir@yahoo.com.br

Introdução

Inicialmente cabe propor que nosso olhar para o discurso enquanto objeto de estudo se justifica diante de sua complexidade e especificidades no campo disciplinar, e por o considerarmos como algo que estabelece inter-relações no tempo e espaço em cada sociedade. Portanto, analisar o discurso é referir-se a um conjunto de possíveis discursos, ancorados às condições próprias de produção. Nesse sentido, nosso desafio é aproximar-se desse conjunto possível de discursos e de suas diferentes condições de produção, através das obras de Frei Pedro Sinzig.

Neste texto, focalizamos alguns diferentes efeitos de sentido, construídos nas bordas de um discurso proposto pelo Frei Pedro Sinzig, de onze mulheres brasileiras, escritoras de romances na virada do século XIX para o XX no Brasil, que contestaram a ordem estabelecida e foram censuradas. Assim, visamos analisar o movimento de tais discursos e as diferentes posições de sujeito, analisando os discursos e sujeitos, à luz de conceitos de análise de discurso na educação e, com isso, construir ensaios sobre a trama discursiva envolvida na censura e interpelação dessas mulheres, apartado das normas estabelecidas e estabilizadas, considerando que o discurso está atravessado por outros discursos, que ora oscilam e o filiam, ora o marcam e o classificam. A par disso, pressupomos que existe uma trama discursiva entre a censura e a interpelação feminina nas obras de Frei Pedro Sinzig, que fez com que a voz de onze mulheres brasileiras, permanecessem emudecidas na historiografia brasileira. Diante disso, uma pergunta norteou este trabalho: que tipo de movimento discursivo havia nos verbetes escritos por Frei Pedro Sinzig em desfavor as estas onze mulheres brasileiras? Para tanto, dividimos este trabalho em duas partes: O discurso e o sujeito como objeto de análise e o discurso e o sujeito feminino nas obras de Frei Pedro Sinzig.





1. O discurso como objeto de análise

Para essa análise, primeiramente reforçamos o conceito de que o discurso é exterior à língua e autônomo enquanto objeto e que está atrelado a diferentes dinâmicas e complexidades.

A esse respeito, Fernandes (2005, p.16) destaca que,

Como o discurso está na exterioridade, no seio da vida social, o analista/estudioso necessita romper as estruturas linguísticas para chegar a ele. É preciso sair do especificamente linguístico, dirigir-se a outros espaços, para procurar descobrir, descortinar, o que está entre a língua e a fala, fora delas, para compreender de que se constitui essa exterioridade a que se denomina discurso, objeto a ser focalizado para análise.

Sobre esse romper com o linguístico, operado enquanto análise do discurso, Fernandes nos mostra que quando recorremos a um dicionário para buscar o significado de uma palavra, nos deparamos com a imanência do significado em destaque, porém, em análise do discurso, a imanência do significado da palavra não interessa prioritariamente, e sim a defluência da inscrição¹ dos sujeitos² envolvidos em tal discurso. Pois,

Diante do objeto discursivo tomado para análise, é necessário sair da materialidade linguística para compreendê-la em sua exterioridade, no social, espaço em que o linguístico, o histórico e o ideológico coexistem em uma relação de implicância. Eis a instauração de um campo de conflitos, marcado por oposições ideológicas, no qual diferenças sociais coexistem. O discurso tem existência na exterioridade do linguístico, no social, é marcado sócio-histórico-ideologicamente (FERNANDES, 2005, p.78).

Reforçando essa exterioridade, Laclau informa que o discurso constitui-se numa trama que ultrapassa meramente o linguístico, estando o discurso, conforme já destacamos, numa instância limítrofe com o social, onde cada ato tem um significado, além do que é constituído em “sequências discursivas”, que articulam elementos para além da língua. Para ele, a sociedade é entendida “como um vasto tecido argumentativo no qual a humanidade constrói sua própria identidade” (LACLAU, 1991 *apud* FISCHER, 2001, p. 200).

¹ Esta inscrição é social, ideológica e histórica.

² Ao utilizar o termo “sujeito”, não estamos nos apropriando da ideia de um sujeito em si, idealizado, essencial, original, mas sim de um sujeito que atravessa e é atravessado, que é falante e é falado, que pode ser protagonista da fala, mas principalmente porque é através dele outros ditos se dizem (FISCHER, 2001, p.207).



A respeito dessa identidade, partimos do pressuposto de que o discurso se encontra entremeadado em diversos outros discursos³, dos quais são construídos num determinado tempo e lugar, apoiados num sistema de formação discursiva⁴. Portanto o discurso, enquanto ato de fala,

[...] se inscreve no interior de algumas formações discursivas e de acordo com um certo regime de verdade, o que significa que estamos sempre obedecendo a um conjunto de regras, dadas historicamente, e afirmando verdades de um tempo. [...] Exercer uma prática discursiva significa falar segundo determinadas regras, e expor as relações que se dão dentro de um discurso (FISCHER, 2001, p. 204).

Assim analisar o discurso trata-se de um esforço em se aproximar de possíveis discursos⁵, sem a intencionalidade de procurar discursos prontos, ou de fazer interpretações extemporâneas, reveladoras de verdades e sentidos escondidos, e sim verificar em que condições de produção do tal discurso emergiu e tornou-se o que se apresenta diante do pesquisador. Segundo Gregolin (2007), analisar as condições de produção de um discurso nos permite o aparecimento e a proibição de outros discursos, isso porque, o momento histórico, é sempre marcado por discursos que devem ser expostos e outros que devem ser calados: “silenciamento e exposição são duas estratégias que controlam os sentidos e as verdades” (GREGOLIN, 2007, p.15). Sobre esses discursos que devem ser ditos como aceitáveis e outros que devem ser calados, a sociedade busca “ilusoriamente” constituir sujeitos que acreditam serem donos de seus discursos e dos efeitos de sentido do seu dizer, sem saber que estão “sendo mais ditos” do que “dizem” (MONTEIRO; MENDES; MASCIA, 2010, p. 52).⁶

³ Para Fischer (2001, p.203) existem diversos tipos de discursos: publicitário, econômico, político, feminista, psiquiátrico, médico, pedagógico, etc..

⁴ A formação discursiva é um “princípio de dispersão e de repartição” dos enunciados, através do qual se sabe o que pode e o que deve ser dito, dentro de determinado campo e de acordo com a posição que se ocupa, funcionando como uma “matriz de sentido”, onde os sujeitos falantes se reconhecem e onde as significações são óbvias (FISCHER, 2001, p.203).

⁵ Segundo Foucault (1999), ao analisarmos esses possíveis discursos, precisamos entender que não estamos desvendando “universalidade de um sentido” (p.70), mas sim dando a luz a um “novo” (p.26).

⁶ Ao demonstrar os conceitos expostos, Monteiro; Mendes; Mascia (2010) referem-se à escola como produtora desse modelo de sujeito ao longo dos anos. Nesse mesmo sentido, Coracini; Uyeno; Mascia (2011, p. 262) destaca que “todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (*apud* FOUCAULT, 1996), denotando que “Foucault problematizou o fazer educacional, apontando-o como um dos grandes procedimentos de sujeição do discurso em nossa sociedade”.



Cabe destacar que, nesse processo de verificar as condições de produção de um discurso nos depararemos com o interdiscurso⁷, como aquele que atravessa o discurso, requerendo assim do pesquisador, que investigue os “espaços colaterais” (FOUCAULT, 1986, *apud* FISCHER, 2001, p. 212), ou seja, os discursos que foram produzidos em circulação com o discurso analisado, de forma a povoá-lo. Isso porque, o discurso não é livre e nem independente, mas compõem-se com uma série/conjuntos de outros discursos (interdiscurso), onde às vezes se apoia, em outras se afasta. Portanto, considerar o interdiscurso requer deixar aflorar as contradições, as diferenças, os apagamentos, os esquecimentos, ou seja, por em realce aquilo que circunda o discurso, seja com ou sem interação, pois por ser o discurso uma prática descontínua, às vezes eles (os discursos) “se cruzam”, em outros momentos “se ignoram”, e às vezes “se excluem” (FOUCAULT, 1999, p.52 e 53).

Nessa aproximação de possíveis discursos, Pecheux (2006, p.31 e 32) mostra que seremos conduzidos ao um “espaço discursivo”,⁸ que refletirá “propriedades estruturais independentes” heterogêneas, onde o discurso é tomado de forma a inscrever-se. Pois são nesses espaços discursivos, que o sujeito se identifica enquanto sujeito falante, e é onde o sujeito é tomado discursivamente, por tratar-se de um espaço que o marca, o classifica, o compara, o separa, o reúne, etc., segundo critérios definidos. Esses espaços não são neutros, mais sim, políticos, econômicos e jurídicos, marcados por uma série de “evidências lógico-práticas”. Neles o sujeito é tomado por outro sujeito, denominado “sujeito pragmático”, sendo aquele que tem uma constante necessidade de uma “homogeneidade lógica”, de forma que suas práticas coadunem com as demais práticas sociais em exercício.⁹ Tudo isso incidirá numa homogeneidade lógica, por um sujeito pragmático, ancorados diretamente na vida diária do sujeito, que o marcará através de micro-práticas.

A esse respeito Pecheux (2006, p.33) destaca:

⁷ Grigoletto (2012) afirma que “interdiscurso” (p.32) é aquilo que aparece no cerne do processo de constituição dos sentidos do discurso, ou seja, uma como instância que o determina. Sendo assim, o que pode ser dito em cada formação discursiva depende daquilo que é “ideologicamente formulável” (p.34).

⁸ Para Pecheux (2006), é esse espaço discursivo é estabilizado e o sujeito falante, o conhece e dele fala abertamente.

⁹ Para Pecheux (2006, p.34), essa “necessidade de aparência” com as práticas sociais em exercício, começa com a relação de cada um com seu próprio corpo.



O sujeito pragmático – isto é, cada um de nós, os ‘simples particulares’ face às diversas urgências de sua vida – tem por si mesmo uma imperiosa necessidade de homogeneidade lógica: isto se marca pela existência dessa multiplicidade de pequenos sistemas lógicos portáteis que vão da gestão cotidiana da existência (por exemplo, em nossa civilização, o porta-notas, as chaves, a agenda, os papéis, etc.) até ‘as grandes decisões’ da vida social e afetiva (eu decido fazer isto e não aquilo, de responder a X e não a Y etc.) passando por todo o contexto sócio-técnico dos ‘aparelhos domésticos’ (isto é, a série dos objetos que adquirimos e apreendemos a fazer funcionar, que jogamos e que perdemos, que quebramos, que consertamos e que substituímos.

Ademais, esses espaços discursivos são imbricados por símbolos e significantes, que trazem constantemente a tona ditos e não-ditos, que ora são percebidos, ora ocultados pelos regimes de verdade.¹⁰ Nesse sentido, Pêcheux (2006, p.44) nos evidencia a existência de não-ditos no interior dos ditos, colocando em destaque a possibilidade de serem colocados em relevo (os não-ditos),¹¹ de forma a saber “como se sabe”, correlacionando o que é dito em tal lugar, de tal forma e não de outra. Com isso, excluir enquanto análise, o simbólico e o significante¹², analisando os discursos (ditos e não ditos) de forma concreta e objetiva, onde as materialidades discursivas são analisadas “implicados em rituais ideológicos, nos discursos filosóficos, em enunciados políticos, nas formas culturais e estéticas, através de suas relações com o cotidiano, com o ordinário de sentido” (PÊCHEUX, 2006, p.49).

Assim, esses espaços discursivos requerem uma análise de seus discursos a partir das transformações do sentido, apartado teoricamente de qualquer norma estabelecida e

¹⁰ Conceito foucaultiano.

¹¹ Para Pêcheux (2006, p. 47-49), a partir dos anos 80 inicia-se na França, um movimento de “deslizamento” das estruturas francesas, questionando uma “ciência régia”, com trabalhos de Lacan, Barthes, Derrida e Foucault, em que se questiona uma dada discursividade tida como estabilizada. Nesse mesmo direcionamento, Grigoletto (2002, p.26, 39), aponta o abandono de uma “posição estruturalista”, que analisava o discurso apenas por uma “máquina autodeterminada e fechada”, onde o sujeito era concebido apenas enquanto “efeito de um assujeitamento”, sob condições de uma dada produção homogênea, onde se buscava suprimir toda e qualquer forma de heterogeneidade discursiva, e com isso, o interdiscurso, ou seja, da alteridade, do heterogêneo referente ao discurso. Após isso, amplia-se o espectro de elementos textuais passíveis de análise, surgindo outras dimensões de discursividade, dando voz ou vozes aqueles que se ocupam como sujeitos do discurso, trazendo uma mudança na maneira de se considerar o discurso, colocando a tona termos como “intradiscurso, “interdiscursos”, “sistema de dispersão”, etc..

¹² Cabe destacar que o significante é manipulado, por significações estabilizadas, dos quais são normatizadas por uma por uma “higiene pedagógica do pensamento” (PÊCHEUX, 2006, p.51).



estabilizada, num trabalho do sentido sobre o sentido, por considerar que esses espaços estão atravessados por toda uma “zona intermediária de processos discursivos”¹³ (PÊCHEUX, 2006, p. 52), que oscilam e filiam o discurso, ora marcando e classificando-o, ora isolando e ocultando-o, já que partimos do pressuposto que

[...] todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas, de todo modo, atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço. Não há identificação plenamente bem-sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo, isto é, no caso, por um erro de pessoa, isto é, sobre o outro, objeto da identificação (PÊCHEUX, 2006, p.56).

Por conta dessas filiações sócio-históricas do discurso, Fischer (2001, p.198) propõe que a análise do discurso não pode ser unívoca, ou seja, é necessário analisar o discurso apenas como um conjunto de signos, como significantes que se referem a determinados conteúdos, carregando um determinado significado, do qual pode estar oculto, dissimulado, distorcido, intencionalmente deturpado, cheio de reais intenções. Portanto, ao invés de buscar explicações lineares de causa e efeito ou mesmo interpretações ideológicas simplistas, devemos aceitar o fato do discurso ser atravessado por lutas e contradições.

Portanto, ao analisar o discurso, entendemos que não estamos diante apenas de um sujeito ou mesmo de sua manifestação, mas diante de um discurso, ancorado num espaço discursivo, que é marcado por dispersões, continuidade e descontinuidade, isso porque esse sujeito, em relação com seu espaço discursivo, torna-se falante e falado, ele atravessa e é atravessado pelos diferentes discursos, ou seja, há inúmeras vozes falando ao mesmo tempo num mesmo discurso¹⁴. No entanto, apesar dessas múltiplas vozes que enreda o sujeito no seu discurso, é possível um discurso heterogêneo, baseado numa dada dispersão,¹⁵ que permite ao sujeito sempre falar de algum lugar, ora de outro, do qual nunca é idêntico. Ademais, esses lugares são marcados por diferentes tensões, conflitos, modo de existência, etc., e neles (no espaço

¹³ Essa “zona intermediária de processos discursivos” deriva-se do sistema jurídico, administrativo e principalmente das convenções da vida cotidiana (PÊCHEUX, 2006, p. 52).

¹⁴ Esse entrecruzamento de discursos é chamado por Fischer (2001, p.207) de “polifonia discursiva”.

¹⁵ Dispersão é um conceito foucaultiano, em que demonstra o momento em que o sujeito afasta-se do espaço discursivo, para exercer uma dada heterogeneidade (FISCHER, 2001, p.208).



discursivo), há discursos que não podem ser ditos por qualquer sujeito. ¹⁶ Ademais, o discurso esta submetido a ideologias e transformações, por isso em alguns momentos ele aparece e em outros se oculta, no entanto, ele esta sempre presente. ¹⁷

Não somente isto, mas essas transformações ideológicas dos discursos acontecem porque os sujeitos do discurso mudam, ou seja, saem de cena, ou mesmo pela mudança do cenário social, seja pela transformação ou pelo tempo que passou. Por isso a análise do discurso deve estar sempre em inter-relação com as condições de produção, ou seja, com o contexto social, histórico e ideológico, para não correr o risco de tornar-se anacrônica. Ademais, essas transformações são acompanhadas de diferentes sentidos, produzidos pelos diferentes discursos. Portanto, analisar o discurso, requer sempre uma minuciosa análise dessas condições sócio-históricas e ideológicas de produção, já que o discurso pode ser considerado como um elemento da história.

2. O discurso e o sujeito feminino nas obras de frei pedro sinzig

Frei Pedro Sinzig viveu de 1876 a 1952. Franciscano, era pertencente à Ordem dos Freis Menores (OFM) e chegou ao Brasil em 1893 para o sacerdócio católico. Dentre suas obras principais, ¹⁸ publicou uma sequência de edições da mesma obra, ¹⁹ intitulada *Através dos romances: guia para as consciências*, nas quais através de pequenos verbetes, tece comentários de 21.553 livros de 6.657 autores, colocando-se como um censor moral da igreja católica.

¹⁶ Sobre o direito de falar, Fischer (2001, 209) desenvolve o conceito de “propriedade dos discursos”, onde só alguns tem o direito (autoridade) de falar. Ou seja, nem tudo pode ser dito e nem todos podem dizer. Nesse sentido, Foucault (1999, p.37) propõe que “[...] ninguém entrará na ordem do discurso senão satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo”. Da mesma forma, afirma a existência de “coerções do discurso”, que selecionam os “sujeitos que falam”.

¹⁷ Para Fernandes (2005, p.12), a ideologia é expressa na escolha de lexicais, que por sua vez, podem ser contraditórias sobre um mesmo tema e mais, a ideologia se materializa no discurso.

¹⁸ Frei Pedro Sinzig publicou cerca de quarenta obras, escreveu quatorze romances e contos, dezoito livros instrutivos e didáticos, sete biografias de santos, sete devocionais e livros religiosos e dezesseis traduções. Contribuiu periodicamente para revistas religiosas, além de compor oitenta e cinco peças musicais. Entre partituras, artigos para periódicos e livros, somam-se setenta e três títulos (CRUZ, 2014). Tais obras estão disponíveis no Centro de Documentação e Apoio a História da Educação (CDAPH) da Universidade São Francisco (USF) em Bragança Paulista/SP.

¹⁹ Esta obra teve suas edições publicadas nos anos de 1915, 1917 e 1923.



Sobre tais verbetes (comentários), focamos a censura²⁰ do Frei Pedro Sinzig à leitura de romances escritos por Albertina Bertha, Ângela Barco, Augusta Sampaio, Ana Ribeiro Bittencourt, Carmem Dolores, Cecília Mariz, Emília Penido, Júlia Lopes de Almeida, Maria das Dores, Maria Luzia de Souza e Maria Amélia de Carvalho. Tratam-se de onze mulheres escritoras brasileiras de romances, que viveram entre fins do século XIX e início do século XX.

Cabe destacar que nossa análise acontece, de forma geral e busca demonstrar as condições de produção dos discursos sobre tais mulheres a partir de alguns excertos na obra de Frei Pedro Sinzig, com alguns apontamentos de análise. Nesse sentido, pretendemos demonstrar certo movimento, que transpassa tanto o frei e suas obras, como tais mulheres, buscando pôr em relevo o discurso e sua dinâmica de constituição e a possibilidade de outros discursos, partindo do pressuposto de que o discurso se constitui numa trama que ultrapassa meramente o linguístico, e que se constituiu numa instância limítrofe com o social, onde cada ato tem um significado, e se desenvolve numa sequência discursiva, isso porque, conforme já tratamos, o discurso não é livre e nem independente, mas compõem-se com uma série/conjuntos de outros discursos, onde às vezes se apoia, em outras se afasta. A par disso, nesse primeiro momento, nosso olhar não estará direcionado especificamente para cada discurso do Frei, nem tão pouco direcionado para tais mulheres, enquanto sujeito singular.

Inicialmente, colocamos em evidencia o fato de que tais mulheres tiveram seu atestado de óbito discursivo tão precoce. Ao que nos parece, elas foram emudecidas após suas mortes, isso porque foram colocadas às margens e apagadas pela historiografia e à crítica literária brasileira, pois apesar de haver diversas pesquisas sobre as mulheres no século XIX e XX, há poucas pesquisas acadêmicas e materiais sobre essas mulheres especificamente. Num primeiro levantamento, encontramos apenas uma dissertação de mestrado, defendida em 2009 por Anna Faedrich Martins, através da Universidade Católica do Rio Grande do Sul, que aborda o romance de introspecção no Brasil e a importância de Albertina Bertha. Sobre algumas dessas mulheres, como Augusta de Franco de Sá de Sampaio, apenas encontramos

²⁰ A censura de Frei Pedro Sinzig é justificada mediante pelo fato de considerar tais obras como contaminadas, capaz de produzir maus frutos na vida daqueles que as leem (SINZIG, 1917).





fragmentos parciais de suas obras. A esse respeito, pretendemos realizar um levantamento sobre suas biografias e suas obras, de uma maneira mais aprofundada, num futuro breve.

Sobre essas mulheres, a primeira evidência discursiva presente no texto que analisamos, é a presença de um sujeito feminino, que busca se constituir-se nas bordas de uma sociedade de sua época, que propõe um dado questionamento à moralidade posta. Sobre isso, Frei Pedro Sinzig apresentará uma série de procedimentos visando descaracterizá-las através de um dado isolamento e ocultamento.

Por exemplo, ao referir-se a tais mulheres de modo geral, Frei Pedro Sinzig aparenta ter uma enorme preocupação com o sujeito feminino que, na ocasião, estava se inserindo na sociedade, com publicações de romances, que avançavam nas prateleiras das bibliotecas da época, com uma leitura ficcional, que despertavam interesse nos seus leitores. Nosso destaque nesse momento é que, apesar de Frei Pedro Sinzig tecer comentários sobre as obras de tais mulheres, seu maior empenho é destacar o sujeito feminino, associando-as às práticas tidas como imorais, ou seja, “contaminadas”, que ademais, seriam capazes de contaminar outras pessoas. Por exemplo: ao referir-se a Albertina Bertha, ele a categoriza como “estremamente perigosa”, “espírito concupiscente”, “erotismo insaciavel”, “a escritora descobre a ancia, muito animal, da fusão dos sexos” (SINZIG, 1917, p.20). No mesmo sentido, quando se refere a Cecilia Mariz, destaca-a como uma mulher com “falta de pudor”, “repugnante” (SINZIG, 1917, p.209). O mesmo acontece com Augusta Franco de Sá de Sampaio, pois Frei Pedro Sinzig a associa ao “suicídio” e “adultério”, através do romance de sua autoria intitulado *Heloísa*. Ou seja, a categorização é intensa e marcante em relação ao sujeito feminino, mais do que para sua obra diretamente. Segundo Marini (1996, p.132), o discurso instaura seu próprio “universo referencial”, em função do “locutor” (no caso aqui Frei Pedro Sinzig), instaurá-lo a partir de pressupostos nominais. Diante disso, trata-se de uma caracterização entre condutas (tidas como contaminadas), associadas diretamente a sujeitos, com o objetivo (a nosso ver não é consciente) de produzir uma memória social, através de uma nominação do sujeito. Dessa forma, o discurso poderia carregar muito mais efeito à sociedade de sua época. Diante disso, percebemos a tensão entre a homogeneização





institucional e a interpelação²¹ de vozes femininas. Muito provavelmente, esse método discursivo, de associar e caracterizar condutas a sujeitos nominais no discurso, utilizado por Frei Pedro Sinzig nos verbetes, vai de encontro com o estilo de romance da época, que se utilizava de um discurso de cunho íntimo, confessional e subjetivo, que tinha por objetivo aproximar-se do leitor, pois estaria focado no sujeito, onde se discursa sobre um eu, que desnuda toda sua vida, revela-se, estabelecendo assim, uma ligação efetiva e acentuada entre autor e leitor. É isso que percebemos no romance *Heloísa*,²² onde Augusta Franco de Sá de Sampaio, de forma íntima e confessional, descreve o corpo de Heloísa.

Esbelta e graciosa e com porte soberano, em que as linhas se mantinham harmoniosas. A cútis, ligeiramente morena, realçada pelo acetinado do colorido, e os lábios de carmin, tentadores, quando lhes corria um sorriso, entre duas covinhas e os alvíssimos dentes. E os olhos, negros, quaes dous fanaes intensos, e os cabelos, da mesma côr e em ondas, tornavam-na irresistível. Demasiado, vaidosa, vestia-se com arte e extravagancia (SAMPAIO, 1924, p. 7).

Portanto, essas categorizações utilizadas por Frei Pedro Sinzig, que as associam e caracterizam a conduta pessoal dessas mulheres dão direção ao sentido do discurso, organizando uma determinada região de sentidos em torno de tais mulheres, e ao mesmo tempo, silenciam outros processos de significação, que aqui é visto como interpelação. Ou seja, a categorização, pretendia trazer à tona a negatividade do sujeito feminino, buscando demonstrar um choque entre uma figura de mulher que, segundo pressuposto da época, deveriam ser vistas como guardiãs da moralidade da família e onde todo modelo desviante, toda forma de relacionamento incontrolável, ameaçadora e impura, deveriam ser anulados e condenados (CRUZ, 2014, p.114). Portanto, percebemos que, no discurso de Frei Pedro Sinzig, estão implicados rituais ideológicos e sócio culturais, com uma profunda relação com o cotidiano, onde a figura da mulher moralizada era aquela proposta como base de uma estabilidade da ordem social.

²¹ Ao utilizar o termo “interpelação” estamos referindo aos conceitos de Enrique Dussel, que demonstra que interpelação é um ato de contestação onde, aqueles que excluídos da sociedade, buscam dela participar e interagir. É um conceito que existe frente aos ditames da modernidade eurocêntrica, no qual o subalterno não pode falar e nem mesmo ter um representante que por ele fale, pois o sujeito subalterno é aquele que, sua voz não pode ouvida e que nenhum ato de fala, pode ocorrer para além do discurso hegemônico (CRUZ & SILVEIRA, 2016, p.2).

²² Romance restrito à leitura pelo Frei Pedro Sinzig (1917, p. 256).





Em contrapartida, identificamos a presença de um sujeito feminino que, através da interpelação, busca constituir-se, ou seja, estabelecer uma dada subjetividade, frente a uma moralização que está sendo posto à tona. Portanto, importa-nos questionar: que tipo de sujeito feminino estava se constituindo? Será que essas mulheres eram todas dada ao erotismo, adultério, pornografia, etc.? Eram mesmo perigosas e imorais? Existiam outros discursos?

Como vimos, o discurso deve ser analisado apartado teoricamente de qualquer norma estabelecida e estabilizada, num trabalho do sentido sobre o sentido, considerando que o discurso atravessa e é atravessado por outros discursos, que ora oscilam e o filiam, marcando-o e classificando-o. Nesse sentido, ao analisar o contexto de produção de tais discursos de Frei Pedro Sinzig, nos quais tais mulheres estavam inseridas, parece-nos haver um contracenso discursivo sobre referente a tais mulheres, pois apesar do discurso de Frei Pedro Sinzig ser um discurso religioso, ele também estava associado aos ideais da República (recém formada) para sociedade, pois a Igreja não discursava apartada do Estado, mesmo diante do padroado, ela ainda caminhava em sintonia com o Estado (CRUZ, 2014, p. 69). Além do que, Frei Pedro Sinzig pertencia e falava a uma elite letrada da época, quesito esse, que se destaca ao fato de frequentemente ter em seu auditório religioso (missa), a presença do então presidente do Brasil, Sr. Afonso Pena (SINZIG, 1917).

No entanto, percebemos que o discurso produzido por Frei Pedro Sinzig sobre tais mulheres não era homogêneo, pois encontramos indícios de que a sociedade não as reconhecia com esses mesmo adjetivos destacados anteriormente. Diante disso, percebemos as dispersões e descontinuidade do discurso, ou seja, outras vozes falando ao mesmo tempo um mesmo discurso. Assim o discurso de que essas mulheres eram imorais, perigosas, etc., podem ser tidos como discursos ideológicos, fruto de um determinado discurso oficial (Estado/Igreja) institucionalizado, de parte da sociedade da época, que estavam ancorados no ideal de mulher que pressupunha o período em questão, conforme já destacamos. Para reforçar, citamos como exemplo o Jornal “O Correio da manhã”,²³ que em 10 abril de 1931²⁴, se refere ao falecimento de Augusta Franco de Sá de Sampaio e destaca-a na página

²³ O Jornal “O Correio da Manhã” trata-se de um jornal brasileiro, publicado no Rio de Janeiro, entre os anos de 1901 a 1974.

²⁴ Arquivo digital disponível na Biblioteca Nacional em www.bn.com.br



de “Vida Social”, ao lado de outras pessoas, inclusive homens que muito provavelmente, poderiam ter aprovação de Frei Pedro Sinzig por representar uma dada moralidade da época. O mesmo acontece com o Jornal “A Noite”²⁵, quando em 14 de abril de 1931²⁶ propõe uma certa reverência à sua família, diante da missa de sétimo dia, destacando-a como uma mulher de moral elevada. Portanto, temos discursos antagônicos, que trazem sentidos diferentes e que discursivamente demonstram ideologias diferentes. Assim percebemos que, mesmo que Frei Pedro Sinzig estivesse amparado pelo discurso sobre mulher da recém formada república, encontramos nesses jornais divergências de ideais por parte do próprio Estado, isso se confirma pelo fato de ao que nos parece, os jornais que circulavam entre finais do século XIX e até a primeira metade do século XX, funcionava regido por relações sociais ideológicas postas, dos quais eram responsável por manter certas informações em circulação e com isso, contribuir na manutenção dessas mesmas relações sociais. Dito de outra maneira, a imprensa era constituída por uma determinada norma identificadora. Com isso, os jornais eram constituídos de uma conformação em que deviam defender o cristianismo, o Estado, os bons costumes e as propriedades. Os jornais não divulgavam informações que contrariavam esses pilares ocidentais (MARIANI, 1996). Portanto, percebemos que o discurso sobre essas onze mulheres, escritora de romances, não era homogêneo.

O mesmo acontece com Albertina Bertha²⁷, que tem considerações favoráveis de Lima Barreto, a respeito do romance *Exaltação*, através de uma carta escrita manuscritamente em 16 de dezembro de 1916²⁸. Nela, Lima Barreto tece elogios à conduta e principalmente à capacidade feminina da autora²⁹. Ainda sobre Albertina Bertha, Martins (2009) destaca a agitação cultural causada por ela, por ser considerada uma autora com temática audaciosa.

²⁵ O Jornal “A Noite” trata-se de jornal brasileiro publicado no Rio de Janeiro, entre os anos de 1911 a 1957.

²⁶ Arquivo digital disponível na Biblioteca Nacional em www.bn.com.br

²⁷ Uma das autoras que tem seus romances restritos pelo Frei Pedro Sinzig (1917, p. 20).

²⁸ Arquivo digital disponível na Biblioteca Nacional em www.bn.com.br

²⁹ Mais tarde, Lima Barreto, escreve um artigo, publicado na “Gazeta de Notícias”, em 26 de outubro de 1920, onde comenta a respeito da obra e da personalidade de Albertina Bertha. Sobre a autora carioca, ele demonstra grande admiração em relação à sua educação refinada (MARTINS, 2009, p.50).





Nessa mesma obra, evidencia o fato de que Albertina Bertha, era vítima de comentários desagradáveis realizados por membros da igreja Católica.³⁰

Quando não era vítima de comentários preconceituosos e de discursos religiosos moralistas, Albertina Bertha recebia críticas elogiosas, que destacavam o seu estilo, o seu perfil psicológico e a sua refinada educação, que formou seu vasto conhecimento em filosofia e estética (MARTINS, 2009, p.54).

O que nos parece é que os verbetes de Frei Pedro Sinzig sobre essas mulheres e suas obras estão colocando à tona a existência de um sujeito feminino, que muito embora apareça associado pelo Frei a afirmações negativas, o contexto histórico demonstrava que tais mulheres tinham o respeito e aceitação da sociedade da qual estavam inseridas. Diante disso, é possível entender que elas produziram um discurso subversivo em tais romances, buscando contrapor os padrões morais e com isso, pôr de modo audível uma voz feminina, que pudesse ecoar nos ouvidos das autoridades e da sociedade em geral. Cabe destacar que, grande parte dos verbetes de reprovação de Frei Pedro Sinzig, contra os escritos de tais mulheres, estão relacionados a questões sexuais. Parece-nos que é exatamente nesta seara da sexualidade, que tais mulheres buscavam subversão discursivamente, pois para Foucault (1999, p.9), esta é uma região, onde a “grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam”.³¹ Sendo assim, discursar sobre sexualidade poderia gerar uma série de impactos de ordem moral, o que implicava na ordem como tal discurso é vinculado. Para isso, Frei Pedro Sinzig se ampara nos discursos religiosos, que determina para os sujeitos que falam, “propriedades singulares” e “papeis preestabelecidos” (FOUCAULT, 1999, p.39). Portanto, as obras de Frei Pedro Sinzig não somente demonstram um antagonismo discursivo ideológico, mas denotam a tensão e as especificidades de um contexto tão importante para as mulheres, como é o fim do século XIX e início do século XX, onde elas transitam de uma figura social privada, para uma figura social pública, conforme podemos perceber em várias dissertações e teses de pesquisas realizadas no Brasil neste período.

³⁰ A esse respeito dessas críticas religiosas, Martins (2009) cita Anna Bittencourt.

³¹ Juntamente com a política.





Cabe destacar que os livros de Frei Pedro Sinzig eram os únicos materiais de censura do período e circulavam não somente no Rio de Janeiro, mas também em outros estados brasileiros, inclusive nas escolas, ou seja, representando assim certo atravessamento naquilo que se considerava como educação à época (CRUZ, 2014). Diante disso, tratava-se de materiais com defluência política e religiosa, que visavam manter ou modificar a apropriação dos discursos sobre as mulheres, com saberes e poderes que traziam consigo. Portanto, essas mulheres submergiam aquilo que pertencia ao campo do não pode ser dito.

Considerações finais:

Para finalizar, destacamos que havia um enfoque político nos discursos de Frei Pedro Sinzig, buscando corporificar um discurso institucionalizado em contrassenso a um discurso feminino, que buscava corporificar um discurso que contrariava a moralidade do período, e que ecoava nos ouvidos tímidos daquelas que supostamente não tinham condições intelectuais de se expressarem, devido à precariedade da educação, ou mesmo daquelas com pouca coragem diante de uma igreja e um Estado, que buscava uma moralização social pela literatura. Assim finalizamos destacando a presença de uma dada interpelação discursiva de onze mulheres, visando emergência de discursos diferentes a concepção de mulheres, de modo a desprender a dos discursos homogêneos, além de uma dada rejeição do discurso tradicional.

Referências

- CRUZ, Osmir A. **Por entre as obras de Frei Pedro Sinzig: potencialidades para história da educação do corpo (1989-1920)**. Dissertação (Mestrado), Universidade São Francisco, 2014.
- FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FISCHER, R.B. Foucault e a análise do discurso em Educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo (SP), v. 114, p. 197-223, 2001.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 9ª edição. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio, São Paulo: Loyola, 2003.
- GREGOLIN, M. Do R. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo. Vol. 4. N. 11. p. 11-25. Nov. 2007.





GRIGOLETTO, M. **A resistência das palavras.** Discursos e colonização britânica na Índia. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2002.

MASCIA, A. A. M.; NACARATO, A.M. e BUENO, Luzia. **Entre memórias e esquecimentos: a construção da identidade do professor numa caixa de pandora.** Intersecções – Edição 19, Ano 9, Número 2, p.133-148, maio/2016.

MONTEIRO, A.; MENDES, J. R. e MASCIA, M. A. A. **Tramas discursivas em práticas escolares de alfabetização.** Zetetiké – FE – Unicamp – v.18 Número Temático, 2010.

PÊCHEUX, M. **O discurso – estrutura ou acontecimento.** Campinas: Pontes, 2002.

SINZIG, Pedro. **Através dos romances: guia para as consciências.** 1ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1917.

SINZIG, Pedro. **Reminiscencias d´um Frade.** 1ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1915.

